



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 14, n. 2, p. 83-91, jul./dez. 2019

O século da comunicação como desafio: entrevista com José Luiz Braga

Por Liliane de Lucena Ito

Doutora em Comunicação pela Unesp. Mestre e jornalista, também pela Unesp.

E-mail: lilianedelucena@gmail.com

Para o professor titular e pesquisador do PPGCom da Unisinos (RS), “se o século XX foi o século da comunicação no sentido de grandes meios e processos profissionais, o século XXI é o século da comunicação como desafio”. Nesta entrevista, realizada em Bauru (SP), no final de março de 2019, Braga aborda criticamente a característica instável e imprevisível dos circuitos sociais na sociedade midiaticizada – e é daí que vem o alerta sobre o cenário desafiador da Comunicação na atualidade. Revê também aspectos de um de seus livros mais conhecidos – *A Sociedade Enfrenta Sua Mídia* –, além de abordar a evolução do campo da Comunicação, apesar da sua característica inerentemente dispersa.

Braga, expoente das pesquisas sobre midiaticização no Brasil, têm inspirado acadêmicos com suas ideias, frutos de pesquisas que contam com mais de uma década de maturação. Nesta conversa, o professor atenta para o desenvolvimento de alguns de seus conceitos, como a ideia de resposta social que evolui para a ideia de circulação. Pontua, então, a validade das chamadas teorias intermediárias que, diferentemente das grandes teorias, não têm a pretensão de serem gerais e abrangentes, focando em heurística e objetos específicos. Confira tudo a seguir, na entrevista. Desejamos uma boa leitura!

Liliane de Lucena Ito: O seu livro, *A Sociedade Enfrenta Sua Mídia*, foi publicado há 13 anos. De quando foi escrito para o tempo presente, muitos dispositivos sociais do sistema de resposta perderam força – como é o caso das cartas de leitores, por exemplo – e muitos outros surgiram, principalmente aqueles que se dão no ciberespaço. Quais seriam as principais atualizações – se é que existem – na sua análise sobre os dispositivos do terceiro sistema, o de resposta social, tendo em vista os avanços tecnológicos das ferramentas comunicacionais e a consolidação da web 2.0?

José Luiz Braga: Olha, tem bastante coisa. Uma delas é o que você diz: processos que tinham ainda sentido e deixaram de ter. Depois, dos que funcionam daquele pequeno conjunto que analisei empiricamente, naquele mesmo processo há outros modos de ação que são trabalhados ali dentro. Crítica cinematográfica não vai parar nunca. Por outro lado, eu enfatizei crítica de jornal e hoje os circuitos críticos são coisas que precisam ser examinadas com cuidado e que não ultrapassaram a crítica de jornal, mas que modificam todo o quadro. O principal, que eu diria, além dos elementos que entraram em cena – tecnológicos, por um lado ou desaparecimento de relevância, por outro lado – é a ideia de circulação social, que para mim está claríssima. Meu próprio conceito de sistema de resposta social evoluiu em uma direção mais abrangente e que nós tratamos na nossa linha de pesquisa na Unisinos na lógica de circulação. Circulação se tornou hoje mais importante do que o sistema de produção. De certa forma, circulação é o terceiro sistema, o sistema de resposta social. A resposta social,

de algum modo tomou a dianteira, algo que trabalho no artigo “Circuitos versus campos sociais”. Isso dá uma consistência para a ideia de resposta social que, na época em que escrevi o livro ainda não tinha. Hoje a gente tem o empírico muito mais claro. Um macroempírico. Porque o que eu tinha (na época do livro) era uma série de empíricos espalhados, que fui estudando, para tentar, ao fazer a modelização de cada caso em específico, ter uma visão mais ampla. Agora, a gente tem uma entrada hoje, que é a ideia de circuitos. Sempre se pensou na ideia de circulação. Mas a circulação, num primeiro momento é a circulação que sai do meio de massa e chega no receptor. E o que eu percebo e proponho, nesse artigo inclusive, é a ideia de um fluxo adiante. Mais importante do que esse trecho da circulação, porque continua sendo um trecho, não é “a” circulação, é a circulação que segue adiante. E nós temos elementos empíricos para isso, que são os circuitos sociais.

Muito frequentemente a tendência é pensar circuito e relacionar à rede social e às tecnologias. Então, como se Facebook, YouTube, Instagram, fossem um circuito. Num certo sentido, são, mas um circuito propriamente é mais amplo do que isso. É um circuito que envolve a passagem de um meio para outro. Hoje eu diria que o grande objeto é estudar circuitos, que é uma evolução do sistema de resposta na prática social. Isso dá o circuito no sentido amplo. Os circuitos, na atualidade, são mais importantes do que os meios. Os meios não desaparecerão, estão aí, precisam ser estudados. Mas, enquanto no século XX a gente estudava o meio nas suas lógicas, ampliou-se para produção e recepção, na verdade importa que o meio está no circuito. Nesse sentido, McLuhan já não tem muita coisa a dizer, porque o que ele estuda é a ênfase na tecnologia. Agora, a tecnologia hoje está sendo posta a serviço pela sociedade, por todos os setores. A serviço de circuitos. Quaisquer circuitos. Alguns excelentes, por exemplo, observatórios, que são postos a serviço de movimentos sociais, mas também circuitos que levam à situação terrível que está o Brasil hoje – quer dizer, circuitos são criados a serviço de interesses setoriais. Você não pode mais falar num campo dos media comandando a sociedade. Contra a qual a resposta social se volta com a sociedade enfrentando sua mídia. A sociedade está produzindo a sua mídia diretamente, não por um “setor indústria cultural”, mas por toda a sociedade. E está produzindo experimentalmente, coisas excelentes e coisas horrorosas.

LLI: Tornou-se hábito, para uma parte da população, colocar a culpa na mídia acerca de praticamente tudo. Grandes veículos de imprensa são ora taxados como “de direita”, ora como “de esquerda”, dependendo da intenção de quem fala. A figura do jornalista enquanto profissional passa, por sua vez, por um descrédito tremendo, muitas vezes devido a objetivos escusos. As notícias, mesmo quando são mesmo notícias, podem ser rapidamente apontadas como *fake news* conforme objetivos escusos. Enfim, a impressão que se tem é que, entre a passagem da sociedade das mídias para a sociedade em midiatização, está ocorrendo uma verdadeira guerra midiática. O que faltou para que a sociedade brasileira interpretasse a mídia de modo realmente crítico, de modo a ajudá-la a melhorar e a se fortalecer, e não a miná-la como vem sendo feito?

JLB: A sociedade aprendeu sobre a mídia através do século XX, na vida prática. A televisão começa como um corpo estranho e então há todo um esforço crítico, que é verificar consequências negativas, riscos, desafios, que foram evoluindo do ponto de vista de conhecimento acadêmico, de legislação, etc. E de repente mudou tudo. E nós estamos ainda com

esse instrumental de crítica. A rigor, é como se a gente não soubesse o que criticar. Criticar *fake news* é fácil, mas o problema não é esse. O problema é a circulação da sociedade das *fakes news*, e sobretudo, uma indefinição sobre o que seja notícia e *fake news*. Porque por um lado *fake news* toma uma formatação de notícia para assegurar do ponto de vista morfológico credibilidade e, por outro lado você não tem mais uma fronteira. Porque qualquer notícia que um setor social considere que seja negativa – notícia mesmo, jornalística – você acabou de dizer isso... Qualquer notícia que não agrada a um setor, que não reforça as suas perspectivas, muito facilmente são chamadas de *fake news*. E nós não temos um instrumental social geral que realmente consiga resolver isso. Qual é o problema, então? O problema é que nós dispomos ainda – e esta é uma situação da midiatização muito desafiante hoje – nós funcionamos segundo lógicas, largamente ainda, de campo social. Porque foram as lógicas que a sociedade foi construindo através do tempo. O jornalismo, desde seu surgimento na Europa, no início do século XVII, vem construindo procedimentos que chegaram a um jornalismo contemporâneo muito produtivo, muito rigoroso, com alta credibilidade. Isso se tornou lógica interna do jornalismo, o jornalismo nasceu com isso. A sociedade foi criando (*as lógicas internas dos campos sociais*) à medida em que apareceram problemas. Como assegurar a veracidade da notícia? Isso é um problema de origem, não é? O jornalismo, crescentemente exerceu e exerce uma curadoria. Ora, de repente entra em cena uma potencialidade de ordem tecnológica que, num primeiro momento parece muito interessante, que é assim, “eu aqui, no meu movimento social, nos meus objetivos de quaisquer ordens, sociológicas, intelectuais, práticas, comerciais, dependo de uma mídia que se interesse por aquilo e que noticie”. E fico na dependência realmente de um jornal, uma televisão, de um rádio etc., e tudo o que eu posso fazer, nessa circunstância é, de alguma maneira, varar a barreira do “campo social” jornalismo. Porque se eu chegar com o meu problema, meu movimento social, minha greve, o que for, chegar para o jornalista e o jornalista disser “não interessa” - ou o jornalista se interessa, mas os editores não. Que coisa extraordinária perceber que eu posso pegar tecnologias disponíveis e, então, não dependo mais do jornalismo. Eu crio o meu circuito de informações. E uma primeira impressão é que isso é muito democratizante. O problema é que a invenção social – eu trabalho muito com a ideia de invenção social, como mais forte do que o impacto tecnológico – a invenção social não tem selo de garantia de que fará coisas boas. Todo mundo pode experimentar. Não há previsibilidade, não pode haver numa experimentação. Estamos de tal modo numa experimentação social que não temos controle sobre as coisas. Porque tudo se produz. Estamos num espaço de instabilidade. Então, todo aquele arsenal crítico que se tinha montado e desenvolvido, muito rico na verdade, já funciona desordenadamente. Não se pode jogar fora, porque não temos outras coisas, mas o próprio processo crítico precisa se reinventar. Nós estamos num espaço de instabilidade tal que tudo tem que ser reinventado. O jornalismo, inclusive. O jornalismo hoje, na situação brasileira, tem dois grandes problemas. Um é um velho problema, que se repete: são posições de indústria cultural que fazem suas apostas em função do campo empresarial, como a grande mídia brasileira fez, lastimável, nesses últimos dois, três anos. Foi lastimável, porque reforçou toda uma movimentação de ordem política no sentido negativo, e a grande mídia é culpada disso. É verdade que o jornalismo tem, por outro lado, o espaço do jornalismo alternativo, mas que atinge pouca gente. Na verdade, a pessoa que já é esclarecida é a que vê o jornalismo alternativo.

LLI: A circulação é muito limitada...

JLB: Sim, a circulação é muito limitada. A minha tese de Doutorado foi especificamente sobre jornalismo alternativo, sobre o Pasquim. A potencialidade que os novos meios trazem para o jornalismo alternativo o fez renascer. Porque na verdade, tinha desaparecido, depois do período do Pasquim, pouco depois, o jornalismo alternativo praticamente desapareceu. E os novos meios fizeram renascer. E a situação política, já que o que grande mídia não faz, a mídia alternativa produz. Mas a circulação é reduzida. Circula entre os que já são esclarecidos. É ótimo, porque a gente tem a informação, claro, mas não consegue enfrentar, exatamente, o péssimo trabalho da grande mídia.

LLI: E talvez a gente tenha um grande problema por trás que é o próprio sistema educacional brasileiro.

JLB: Aí vêm todos os aspectos políticos... Os circuitos são todos interpenetrados uns pelos outros. Os campos sociais em geral estão abalados, isso no mundo. A situação brasileira, de um modo diferente de países europeus e dos Estados Unidos, mas com algumas consequências parecidas: Trump, uma ascensão forte da direita na Europa... Enfim, esse tipo de coisa. Os campos sociais estão abalados. Às vezes, em favor de processos positivos para a sociedade, mas muito frequentemente, os setores que têm mais condições político e econômicas de se apoderar dessas processualidades com grandes riscos. Mas isso tem sido a história da humanidade nos momentos de instabilidade, são momentos de aberturas de oportunidades sob o ponto de vista humano, mas também são momentos de grande risco. E nós estamos nesse momento, no qual o estudo comunicacional é fundamental, porque os estudos da Sociologia, da Política, estão tão amarrados aos campos sociais que não conseguem enxergar os processos de experimentação. Porque a experimentação é uma experimentação comunicacional. É por isso que, se o século XX foi o século da comunicação no sentido de grandes meios e processos profissionais, o século XXI é o século da comunicação como desafio. Porque tudo isso é construído comunicacionalmente. Hoje a comunicação é mais importante do que a Política. Claro que ela se relaciona diretamente com a Política, ela é assambarcada pela Política em certos espaços, como pela Economia, sobretudo aliás. Mas o conhecimento comunicacional é o conhecimento necessário hoje.

LLI: Sobre o título de *A Sociedade Enfrenta sua Mídia*: se na circulação diferenciada e difusa da sociedade em midiaticização a mídia é tomada como elemento estruturante da própria sociedade, numa perspectiva que supera a relação dicotômica entre mídia e sociedade, por que falar que a sociedade *enfrenta* a mídia?

JLB: Na época em que eu finalmente cheguei ao título do livro, isso surgiu. Se o título não levaria a essa perspectiva. Porque uma coisa que é o centro da atenção no livro é exatamente recusar a ideia de uma dualidade mídia-sociedade. Então, quando estou falando a sociedade *enfrenta* a sua mídia, se eu não estaria reforçando a dualidade. Mas eu acredito que não. Porque não é a sociedade enfrenta a mídia, é a sociedade enfrenta a *sua* mídia. *Sua mídia*. Nós podemos dizer, por exemplo, que a sociedade pode – ou deveria – enfrentar a *sua política*, não é? Isso significa, claro, que estou falando de setores da sociedade. Até porque a sociedade não é monobloco, que seria a sociedade do admirável mundo novo do Huxley. É, naquela época, o que se imaginava. O Huxley trabalha muito bem isso, porque na verdade é uma crítica a uma ilusão de que no momento em que a sociedade fosse radicalmente igual, ela

seria uma sociedade realmente superdemocrática, porque todos seriam iguais. A crítica do Huxley é isso: uma sociedade em que todos fossem iguais é o admirável mundo novo – daí o título, que tem essa ironia. O mundo que seria perfeito. Mesmo hoje, a gente não vê essa clareza nas pessoas. As pessoas não percebem a diferença entre desigualdade e diferença. Nós temos que lutar contra a desigualdade, mas não contra a diferença. Porque lutar contra a diferença é defender o admirável mundo novo.

LLI: É não respeitar a alteridade.

JLB: Isso. Então, a sociedade nunca é monobloco, é feita de setores. O que é a democracia, não é uma equalização. É fazer iguais os diferentes, mantendo suas diferenças. E isso não é nem só no sentido macro da democracia. É em qualquer circunstância. Somos diferentes. Por exemplo, não acho que homem e mulher sejam iguais. Há uma diferença. Ora, o que é importante é conseguir uma igualdade mantendo essa diferença. Porque senão, é uma perda para a humanidade. Há diferenças no setor feminino da sociedade que eu valorizo extraordinariamente. Se esses valores desaparecerem porque as mulheres têm que ficar “iguais aos homens”, eu acho que é uma perda para as mulheres, para a humanidade. Então, é esse jogo entre diferença e desigualdade que nem sempre é claramente percebido. O que é que nós temos que fazer? Fazer conviver os diferentes de modo produtivo, articulando, valorizando as diferenças, desde que não sejam – essas diferenças – opressivas. Desde que sejam democráticas. Pois bem, então a sociedade está sempre em conflito com a sociedade. A comunicação não é um processo de harmonia perfeita, de consenso. A comunicação para consenso não tem sentido, comunicação para fazer conviver diferenças, no entanto, é fundamental. Então, nesse embate de sociedade a crítica social sobre a mídia é um enfrentamento de um setor por um outro setor na sociedade. A mídia não é um abstrato, no século XX é algo muito concreto: indústria cultural, que continua exercendo evidentemente os seus aspectos interessantes com toda a certeza, mas também os seus problemas. Então, a sociedade enfrenta a sua mídia sem que isso signifique dualidade mídia-sociedade. Significa que setores sociais mais políticos, mais esclarecidos, mais limitados por ações de mídia enfrentam essas seções. Como a gente pode enfrentar a política, como podemos enfrentar as insuficiências do sistema educacional, e assim por diante. Então, por exemplo, a sociedade enfrenta seu sistema educacional, o que não significa dualidade, porque o sistema educacional está na base da sociedade e faz parte de um modo absolutamente central, relevante, estruturante da sociedade.

LLI: Uma das características do campo da Comunicação apontada por vários teóricos é de que este se encontra ainda em constituição. Por que ainda há tanta dispersão na pesquisa acadêmica em Comunicação e por que tais pesquisas não se articulam? Chegaremos a um ponto no qual teremos mais solidez?

JLB: Acredito que sim. E essa sua pergunta é algo que sempre tem me preocupado nas minhas pesquisas. Primeiro, eu valorizo a diversidade da pesquisa em Comunicação. Mas essa diversidade traz junto um problema que é a dispersão. Agora, é um problema processual, bastante natural de uma ciência nova. Porque nós somos uma ciência em construção, como você colocou. Esse campo de conhecimento é interessante porque a Comunicação é uma coisa inerente à espécie humana. Mas é tão inerente que ela não era percebida. Ou, na verdade, era percebida muito pontualmente, e não como um espaço de conhecimento. A palavra

Comunicação a gente recebe dos gregos. Ela é tão natural para o ser humano que você não encontra uma pessoa com a qual você esteja conversando e que você use a palavra comunicação e esse alguém lhe pergunte “o que é que é isso?”. Pode ser um analfabeto, que viveu a vida inteira numa cidadezinha de mil habitantes, se ele tem oralidade, você diz comunicação e ele saberá do que você está falando. É muito interessante isso. É meu ponto de partida, inclusive, o sentido de senso comum da palavra comunicação. Nós não precisamos mais do que isso para começar. Não precisamos de um conceito abstrato, genérico, que para os que acreditam nessa perspectiva essencialista, idealista, se eu tivesse um conceito rigoroso de comunicação, toda essa dispersão desapareceria porque seria abrangida por esse conceito e seria organizada por ele. Não acho que isso seja necessário. O avanço do conhecimento tem então um outro ponto de partida, que é o senso comum e a realidade empírica do que acontece na sociedade.

Nós somos dispersos porque nós não temos conceitos abrangentes suficientemente amplos. O Stig Hjarvard, que tem alguma coisa publicada no Brasil sobre midiatização especificamente, ele assinala o grande risco – e ele tem razão – dos estudos de caso dispersos, porque fica uma miríade que gera essa dispersão. Ele propõe, na verdade, uma teoria intermediária de midiatização. Embora eu discordo da teoria intermediária de midiatização, concordo com a relevância de geração de teorias intermediárias, no plural. O livro que estou escrevendo no momento é exatamente sobre isso.

LLI: O que seriam essas teorias intermediárias?

JLB: Teorias intermediárias não é uma novidade. Isso foi proposto por um americano nos anos 50, da área de Sociologia, que são teorias que não pretendam grandes abrangências, mas que tenham detectado no espaço social um determinado problema, se aproximam o suficiente desse problema e geram uma teorização para aquele problema, para aquele pequeno espaço. Então, são teorias mais próximas da realidade empírica investigada. Sem pretensão de abrangência. Ou seja, que reconhecem um âmbito de validade relativamente restrito. Os pais fundadores da Sociologia - Durkheim, Weber, Marx - foram propositores de grandes teorias sociológicas que organizaram o campo. Na Linguística, o Saussure, que organizou uma grande teoria. É interessante se você tem uma grande teoria. Por exemplo, em cima de Saussure, a Linguística atravessou o século XX com desenvolvimentos absolutamente extraordinários. Mas chegou-se a um nível de complexidade que já não se consegue abranger com a grande teoria. Na verdade, a partir dos anos 90, não surgiram mais teorias com pretensão de serem teorias gerais. A gente continua estudando hoje, na graduação, as teorias que são chamadas de teorias gerais, como se elas fossem umas contra as outras. Bem, se forem gerais, tem que ser umas contra as outras, porque uma teoria geral é geral, ou seja, abrangente. Se eu tenho uma outra diferente, qual das duas está certa? E hoje, para mim, esse é um grande problema do avanço do conhecimento teórico do campo, porque mesmo essas teorias gerais do século XX devem ser percebidas como teorias intermediárias. A indústria cultural, de Adorno, na verdade é uma teoria intermediária. Ela serve para um objeto muito específico, que é a indústria cultural e que hoje não consegue abranger nem uma terça parte da midiatização social.

LLI: Talvez existam as teorias intermediárias até nas ciências “duras”, não é? Por exemplo, a Física e a Física Quântica...

JLB: Perfeito. Sim! As Ciências Exatas e Naturais avançaram na base das teorias intermediárias. O problema para o neurologista não é o grande conceito que explica o neurônio, que teria que abranger não só a estrutura neuronal do ser humano, mas de todos os animais. O Erik Kandel, prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, estudava um tipo de lesma muito interessante que só tinha oito ou dezesseis neurônios. Então, há decisões intermediárias. Durante vinte anos os neurologistas discutiram se a passagem de sinal entre um neurônio e outro – a sinapse – se fazia por meio de um processo químico ou elétrico. Vinte anos de discussão. Pra chegar a uma teoria que tenta explicar aquilo ali, a sinapse. Num primeiro momento, “os elétricos” perderam, “os químicos” ganharam. Os que defendiam a passagem elétrica tiveram a sensação de que perderam tempo durante vinte anos da vida deles na pesquisa, mas aí houve uma continuação de estudos e começaram a perceber que há componentes elétricos complexificando a situação, embora a predominância seja química: teorias intermediárias.

Então, o que precisamos não é de uma definição geral, ontológica, de Comunicação. É perceber características: aqui a Comunicação funcionou desse jeito, então, quais são as características? Eu continuo mantendo a diversidade, mas se eu tiver heurísticas que consigam trabalhar a diversidade – alguma diversidade – chego perto de uma teoria intermediária. Partimos do caso a caso, do objeto empiricamente, ou então só articulado por grandes teorias – mas que não são comunicacionais – teorias sociológicas, linguísticas, antropológicas, psicológicas, que nós usamos enormemente. Aquela história de que Comunicação seria interdisciplinar é um grande atraso de vida, porque se é interdisciplinar irá continuar assim para o resto da vida.

A gente tem esses acessos. Mas a gente precisa desenvolver o nosso conhecimento em processos de teorias intermediárias, que são heurísticas. Ou seja, eu tenho essa teoria, pego um outro objeto e digo assim: “ela serve?”. “Puxa, parece que serve, mas é ‘capenga’, não vai dar conta completamente”. Então, num esforço do meu estudo bem específico, quando eu faço a teoria daquele objeto específico, eu trago uma contribuição para a teoria que modifica. Teorias intermediárias são mais facilmente modificáveis que as teorias gerais, porque estão sempre em evolução. As heurísticas têm essa função: eu parto de uma heurística, faço uma pesquisa, e volto modificando a minha heurística, que se aperfeiçoa. De certa forma, pra mim pessoalmente é a mudança do sistema de resposta social para o fluxo adiante, da circulação. Avança por causa das pesquisas que vêm sendo feitas. O livro que publiquei em 2017, *Matrizes Interacionais*, eu parto de uma teoria intermediária heurística – gosto de chamar também de teoria tentativa. A partir do conceito de dispositivo do Foucault, que não tem nada a ver com o dispositivo tecnológico, mas com o sistema de relações, vamos estudar o sistema de relações. Então, pego objetos muito diferentes e procuro identificar como funciona o sistema de relações comunicacionais dentro desses objetos. Não estou mais no caso a caso. Eu tenho a mesma pergunta que se volta para esses objetos. Desenvolvo a minha própria heurística da ideia de sistemas de geração de dispositivos interacionais. O livro foi esse, peguei um grupo de orientandos que fizeram nove estudos de caso diferentes sob a mesma problematização.

LLI: Para finalizarmos, em sua opinião, quais seriam os principais desafios, daqui para frente, dos estudos sobre o processo de midiatização da sociedade? O que falta investigar dentro dessa vertente de estudos?

JLB: Não dá pra dizer o que falta investigar... Há cinco anos, não pensaria que fazer um estudo sobre *fake news* seria tão relevante assim. Pensar em notícias falsas, até poderíamos pensar na época, mas que hoje é absolutamente central, então não sei o que será central amanhã. O principal desafio é perceber a midiatização não como um objeto, mas como um processo, um problema e um desafio. Midiatização social é um desafio para a sociedade, de ordem comunicacional. Se nós pudermos perceber, em todos os objetos singulares que apareçam, o seu aspecto de desafio comunicacional em vez de tentar explicações sociológicas, linguísticas, estéticas, algo que muito frequentemente acontece. Em vez de pensar simplesmente dessa forma (o que não quer dizer que se deva jogar fora tais possibilidades de explicação), mas além disso perceber que há mais alguma coisa, que é o desafio comunicacional que precisa ser enfrentado. Na medida em que isso seja feito, nesses termos, acho que o grupo avança aceleradamente. A minha tese, rigorosamente, é a de que o campo comunicacional está sendo construído e desenvolvido como campo de conhecimento. Assim, como campo de conhecimento, está sendo construído por todos os pesquisadores, desde o mestrando, o doutorando, o professor com larga experiência, o jovem professor, todos no mesmo nível. Está sendo construído por essas pesquisas, é uma composição. Não estamos à espera de um Saussure ou de um Marx que chegue e diga grandes coisas. Não devemos estar à espera. O que estamos é produzindo características dessa pesquisa. Nós chegaremos à metade do século com um campo muito melhor constituído e isso será uma grande contribuição para a sociedade. Todos estão contribuindo para o processo de construção coletiva comunicacional. Avançará melhor se for enfrentado como o desafio de sociedade, qual a experimentação, qual o nível de instabilidade que a sociedade está enfrentando. E num segundo aspecto, quanto mais essas pesquisas conseguirem interagir pelo debate, melhor. Publicar é importante, mas não basta. Precisa ser lido, criticado, debatido, enfrentado... O processo de tensionamento, para mim, é fundamental. Tensionar não é discordar simplesmente. É dizer, “o autor veio até aqui, então eu vou um pouquinho mais adiante, porque ele não estava estudando o meu objeto”. Todo o espaço de debate é importante.

Recebido em: 07/07/2019

Aceito: 14/11/2019